

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vera Lucia da Conceição Silva Gonçalves

**CONTOS E ENCANTOS:
A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Belo Horizonte

2012

Vera Lucia da Conceição Silva Gonçalves

**CONTOS E ENCANTOS:
A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Claudia Starling Bosco

Belo Horizonte

2012

Vera Lucia da Conceição Silva Gonçalves

**CONTOS E ENCANTOS:
A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Claudia Starling Bosco

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Claudia Starling – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Flor de Maio – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este projeto consiste na sistematização de um Plano de Ação Pedagógica, desenvolvido no ano de 2012, na Escola Municipal Cornélio Vaz de Melo, nas turmas de crianças na faixa etária de 3 a 5 anos. O foco desta proposta está relacionado às estratégias para desenvolver nas crianças o interesse e o gosto pela literatura infantil, buscando a formação de bons leitores. Ler é perceber, apreender e transformar informações dando significado aos textos. O leitor, ao apreender o conteúdo do texto, transforma-o a partir de sua experiência e de seus conhecimentos. Nesse sentido, a função do professor é ser mediador na relação texto-leitor. Em turmas de educação infantil, em que os pequenos ainda não leem de forma convencional, a leitura e a contação de histórias tornam-se um importante instrumento para a formação de comportamentos e propósitos do bom leitor. Para realizar esse trabalho foi necessário o apoio nos estudos de Soares (1999), Abramovich (1995), Solé (1998), Vygotsky (1991), dentre outros. Este Plano de Ação Pedagógica teve como objetivo reconhecer a importância da literatura infantil no desenvolvimento infantil e no processo de apropriação da leitura e da escrita pelas crianças. Propôs incentivar a formação do hábito de leitura nas mesmas, a partir de uma ação coletiva – “Atelier de Leitores”, envolvendo todos os profissionais e apostando na parceria com as famílias. Os resultados apontam que, ao serem proporcionadas diariamente às crianças da primeira infância experiências de qualidade com a literatura, em situações como a leitura em voz alta, o professor valoriza a capacidade criativa e inventiva destas crianças, estimulando-as a explorar de forma simultânea a fantasia e o mundo real, além de permitir o acesso a textos que ainda não leem sozinhas e favorecer que conheçam uma variedade de padrões da língua bem como vocabulários e conceitos novos.

Palavras-chave: literatura infantil, Educação Infantil, formação de leitores.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO: LITERATURA E INFÂNCIA..... | 06 |
| 2. JUSTIFICATIVA..... | 10 |
| 3. OBJETIVOS..... | 13 |
| 3.1 Objetivo Geral..... | 13 |
| 3.2 Objetivos Específicos..... | 13 |
| 4. A ESCOLA: SUA HISTÓRIA, SABERES E FAZERES..... | 14 |
| 5. A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES..... | 17 |
| 6. DESENVOLVENDO O PLANO DE AÇÃO: O ATELIER DE LEITORES..... | 22 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 29 |
| 8. REFERÊNCIAS | 32 |
| 9. ANEXOS..... | 34 |

1. INTRODUÇÃO: LITERATURA E INFÂNCIA

As canções de ninar, a voz de pessoas amadas, são as primeiras narrativas que chegam aos ouvidos dos bebês. Pouco a pouco estas vão sendo ampliadas, modificadas devido às diversas experiências culturais dos adultos que cuidam das crianças no dia a dia. Aparecem, então, as cantigas de roda, as pequenas narrativas sobre os fatos do cotidiano, elementos da natureza como os animais, quadrinhas, músicas infantis, etc. Dessa forma vai-se desenhando o universo inicial de histórias ouvidas pelas crianças. A sonoridade, o ritmo, a repetição de palavras, a entonação da voz provocam reações nas crianças. Batendo palmas, rindo e pedindo “de novo”, elas deixam claro o seu interesse e sua curiosidade pelas narrativas. Assim começa a formação de um leitor.

Ouvir histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor. É ainda suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida, é encontrar outras ideias para solucionar questões. É, a cada vez, ir se identificando com outra personagem [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (ABRAMOVICH, 1989, p. 17).

Os primeiros passos da criança no mundo da leitura são anteriores à entrada dela na escola e podem ocorrer com prazer e ludicidade nas relações com os familiares. Ao ingressar numa instituição de educação infantil, é necessário ampliar estas experiências num ambiente rico de interações positivas com adultos e pares de idade. Sempre de forma lúdica, em práticas sociais de leitura literária, é possível construir possibilidades de comunicação e expressão e promover o interesse das crianças por variados gêneros orais e escritos.

As conversas com os adultos, as contações de história, o contato com livros para ver, folhear e “comer” são a porta de entrada para alimentar o imaginário e incorporar essas novas experiências às brincadeiras, ao desenho e às histórias que todas gostam de contar. Aos poucos elas vão se familiarizando com o hábito de escuta, aumentando a curiosidade pelos livros, desenvolvendo a oralidade e descobrindo o prazer da leitura.

A literatura é, na infância, um instrumento motivador para o amadurecimento emocional e intelectual das crianças. Quando uma criança lê ou ouve uma história, é

capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre esta história. Realiza, assim, uma interação verbal, ou seja, constitui o conhecimento a partir da interação social e do diálogo.

Possibilitar a cada criança que se torne um bom leitor, com comportamentos, propósitos e procedimentos necessários para leitores, é uma das finalidades de todo professor.

Para o desenvolvimento destas capacidades, antes mesmo de se apropriarem do sistema de escrita, as crianças devem ser incentivadas a compartilhar a leitura de livros, trocarem ideias, comentar sobre notícias, confrontar opiniões com outras pessoas. Ou seja, para formar futuros leitores, é fundamental que a leitura faça parte da rotina diária da escola.

Construir uma rotina em que a literatura ganhe destaque significa apostar na organização dos espaços, propiciando o acesso a boas obras literárias expostas na sala de forma atraente, proporcionar contextos significativos para o seu uso e incluir no planejamento as práticas sociais de leitura em que diversos gêneros passam a povoar o universo da classe, universo este onde os textos são lidos diariamente e sem pressa, comentados em rodas de apreciação, recontados pelas crianças e simbolizados com objetos e pessoas.

Durante toda a fase da educação infantil, as crianças vão se apropriando gradativamente dos usos e funções da linguagem oral e escrita, seja em situações mais ou menos formais de uso da linguagem.

Segundo Oliveira (2007),

A grande flexibilidade do pensamento da criança e seu constante desejo de exploração requerem a organização de contextos propícios à aprendizagem. A criatividade emerge das múltiplas experiências infantis, visto que ela não é um “dom”, mas se desenvolve naturalmente se a criança tiver liberdade para explorar as situações com parceiros diversos. (OLIVEIRA, 2007, p. 225)

Na interação cotidiana com crianças de 3 a 5 anos, em uma instituição escolar, torna-se evidente a afirmação enunciada na citação acima. As crianças estão no

mundo, envolvidas por uma teia de relações culturais. Estas teias se diferenciam nos contextos sociais onde elas vivem.

Nesse sentido, os espaços institucionais educativos podem auxiliar e/ou prejudicar o desenvolvimento das potencialidades relativas ao desejo de aprender e construir o prazer pela leitura.

Um dos aspectos determinantes no bloqueio ou desenvolvimento destas capacidades está associado às possibilidades oferecidas para exploração e utilização dos variados materiais de leitura às crianças que frequentam estes espaços.

Reconhecendo a importância da literatura no processo de letramento das crianças desde a primeira infância e sua influência na formação dos futuros leitores, o presente trabalho pretende tecer reflexões sobre o projeto desenvolvido com livros de literatura pelas professoras que atuam em turmas de 3, 4 e 5 anos, numa escola de educação infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

O foco deste trabalho está na construção de uma comunidade de leitores/ouvintes e sua intenção é envolver toda a comunidade escolar nesta construção, a fim de valorizar a leitura enquanto fonte de lazer e entretenimento, propiciar às crianças critérios de escolhas e indicação de novos leitores das obras por eles apreciadas e desenvolver o prazer pela leitura.

As leituras de textos literários já fazem parte da rotina desta escola, no entanto, elas ainda não possibilitam a formação de bons leitores, pois nem sempre ocorre uma preparação adequada da professora para a realização desta leitura. As propostas ainda são soltas, fazem parte do dia a dia como “tempo de transição” entre atividades e/ou “quando dá tempo”, como cita uma das professoras entrevistadas, com muita produção de desenhos sobre temas livres e datas comemorativas, havendo também uma mistura entre o ato de ler e o ato de contar histórias.

Uma das intenções desse trabalho é possibilitar mudanças nas práticas em sala, sendo evidenciada a prática pedagógica das professoras envolvidas no projeto a

partir do acompanhamento, da orientação e do suporte dados às mesmas pela coordenação, na utilização de estratégias de leituras e possibilidades de atividades com esta finalidade, além da participação das famílias através de questionários e ações compartilhadas junto às crianças (Sacolinha Literária).

O auxílio às professoras na compreensão da importância de se garantir espaço e tempo adequados para a roda de histórias pode se concretizar nos encontros com as mesmas para a socialização dos critérios de escolha dos livros a serem utilizados no plano de ação. Nesses encontros, planejamos a roda refletindo e avaliando se a seleção para a atividade inclui obras de qualidade, em que haja uma boa articulação entre texto e imagem, texto verbal com qualidades estéticas, enredo adequado à faixa etária das crianças e de leitura agradável também ao adulto que irá ler a história.

Ao garantir o planejamento para esta atividade, possibilitamos a aproximação das crianças com os diferentes gêneros literários, criando situações para que elas vivenciem e percebam as distinções entre a linguagem falada e a linguagem escrita nos seus diferentes contextos formais e informais.

A avaliação do projeto de ação pedagógica ocorreu através de registros das reações apresentadas pelas crianças, entrevistas durante o processo com as famílias das crianças que participaram do mesmo e encontros sistemáticos com as professoras.

2. JUSTIFICATIVA

A prática da leitura literária como ação permanente na escola de educação infantil, em que os profissionais tenham consciência de que são mediadores na função de formar leitores, permite o desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentidos para os textos lidos no futuro.

Segundo Soares (2007),

entre as práticas efetivas de leitura, destaca-se a prática da leitura literária, ou do letramento literário não só por esta prática corresponder de perto ao interesse das crianças, e possibilitar a elas uma alternativa de lazer e prazer, mas também por seu valor formativo: para a criança, a literatura infantil torna o mundo e a vida compreensíveis, porque revela outros mundos e outras vidas; a fantasia, o imaginário na literatura infantil têm papel e função valiosos no processo de amadurecimento emocional da criança; a leitura literária possibilita o acesso da criança ao rico acervo de contos de fadas, de fábulas, de poemas que fazem parte da cultura de nossas sociedades ocidentais. Não menos importante é a contribuição da leitura literária para o desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentido de textos (SOARES, 2007, p. 15-16).

A leitura literária causa nas crianças muito prazer, além de auxiliá-las na compreensão do mundo. Os contos de fadas, por exemplo, trazem conflitos universais e ajudam na formação da personalidade delas. Segundo Bettelheim (1980), este tipo de narrativa provoca a identificação do leitor com o personagem. Esta identificação promove uma reação nas crianças em que o efeito vai além da catarse. Personagem/leitor se confundem no envolvimento da história nos momentos de sofrimento e depois, quando tudo se resolve.

Algumas questões derivadas destes sentimentos fazem com que a criança estruture seus medos e angústias interpretando a simbologia contida nesses contos, de acordo com suas vivências. Já as histórias com estrutura de repetição, que costumam ser muito apreciadas pelas crianças, são fáceis de memorizar e possibilitam a identificação de palavras repetidas, o que também permite o desenvolvimento de várias habilidades relacionadas ao universo textual, ajudando as crianças a se familiarizarem com o mundo da escrita.

A literatura constitui a modalidade mais privilegiada da leitura, onde o prazer e a liberdade são virtualmente ilimitados. O leitor infantil e juvenil que queremos formar é aquele que atribui significações ao texto e às imagens, segundo o sentido dado pelo autor, estabelecendo diálogo com sua própria vivência. Formado nesse processo, será um homem que pensa, avalia, critica e escolhe. Quem sabe fazer escolhas é um homem livre. Escola não é confinamento. É libertação (SORRENTI, 1995, p. 41-4).

Neste contexto, o papel do professor é permitir o encontro do leitor com o texto. Para que este encontro ocorra, o professor deve ter a leitura como uma presença constante em sua vida. A convicção e o entusiasmo, a partir de experiências significativas do ato de ler em sua trajetória como leitor, irão gerar competência no desenvolvimento do hábito de leitura em seus alunos.

Ter um hábito significa ter uma disposição duradoura, e esta disposição é adquirida pela repetição frequente de um determinado costume. No processo de formação das crianças, a formação do hábito de ler deve estar vinculada ao desejo, ao prazer de ler. De nada adianta uma discussão sobre a importância de ler, pois o que a criança precisa é vivenciar experiências prazerosas de leitura, tanto no ambiente escolar como familiar.

O contexto familiar também é de grande importância na formação do hábito de leitura nas crianças. Se os pais têm o hábito de leitura, os filhos terão grandes chances de se tornarem bons leitores. Entretanto, essa realidade não é verdadeira para a maioria das crianças que atendemos na escola, então, a instituição de educação infantil é um local privilegiado para desenvolvimento desse hábito, onde é necessário que incentivemos a criança à leitura, para que adquira o prazer de ler.

Ler com prazer implica garantir que todas as situações de aprendizagem sejam interessantes para a criança. Ao priorizar vivências em que elas ampliem seus conhecimentos através da busca e descoberta, de forma prazerosa, aprendendo a ser confiante e a participar de atividades em grupo, estaremos contribuindo para que se tornem leitores proficientes.

Para que a criança possa despertar para o prazer do ato de ler, é fundamental que tenha liberdade de escolhas, tendo acesso a uma gama variada de títulos e autores

em diversas práticas sociais de leitura. Pois, de acordo com Sandroni e Machado (1986, p.16), “O amor pelos livros não é coisa que aparece de repente”. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles nos oferecem.

.

Portanto, este projeto se justifica uma vez que pais e professores têm um papel fundamental na descoberta da leitura como uma produção do leitor que, ao compreender o significado do que leu, apodera-se desse conhecimento e o transforma a partir de suas experiências e vivências pessoais, tornando-se coautor do texto.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- ❖ Criar condições para a formação de uma comunidade de leitores/ouvintes, envolvendo os professores, familiares e as crianças em prol da valorização da leitura como fonte de entretenimento, despertando o prazer pela leitura nos diferentes contextos.

3.2 Objetivos específicos

- ❖ Auxiliar os professores a identificar, para utilização na prática pedagógica, atividades com o livro de literatura apropriado ao desenvolvimento do leitor.
- ❖ Desenvolver práticas que visem comportamentos leitores.
- ❖ Permitir a interação com práticas de leitura em múltiplos e diversos gêneros de textos.
- ❖ Ampliar a curiosidade pelos materiais impressos, aproximando as crianças do mundo das letras, para que tenham familiaridade com ele.
- ❖ Desenvolver habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentidos dos textos lidos.

4. A ESCOLA: SUA HISTÓRIA, SABERES E FAZERES

A Escola Municipal Cornélio Vaz de Melo, da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, atende turmas de Educação Infantil desde 1982. Atualmente, atende 206 crianças do 2º ciclo da educação infantil (3 a 5 anos).

Está localizada no Bairro Aparecida, em uma região de comércio diversificado e de fácil acesso.

O prédio da escola é antigo e já passou por várias reformas visando à adequação ao atendimento de crianças nesta faixa etária, pois, antes de se tornar polo de educação infantil, atendia ao público do ensino fundamental.

Atualmente, a escola conta com as seguintes dependências: 5 salas de aula, 4 banheiros adaptados para crianças e 1 banheiro para cadeirante, 3 banheiros para funcionários, diretoria, sala de coordenação, sala de professores, refeitório, cantina, depósito de merenda, depósito de material de limpeza, brinquedoteca e 2 pátios descobertos.

O mobiliário das salas de aula e refeitório é adequado à faixa etária das crianças. Cada sala tem uma estante com livros de literatura, um computador ligado à internet, um aparelho de TV e DVD, um aparelho de som portátil. Há um grande volume de brinquedos e jogos. Entretanto, estes se encontram em local de difícil acesso para as crianças, necessitando da ajuda de um adulto para sua retirada, caso elas queiram utilizá-los.

A brinquedoteca é o “espaço mágico” da escola onde estão concentrados os mais variados fantoches, fantasias, gibis, grande acervo de livros de literatura infantil com títulos e autores variados, livros brinquedos, CDs, DVDs, dois computadores do projeto Kidsmart, TV, DVD, projetor de slides, tapetes coloridos e confortáveis, que são um convite a entrar no mundo da imaginação.

Para possibilitar que todas as turmas tenham acesso a este espaço, foram definidos horários semanais para cada turma utilizá-lo. Este é também o espaço onde duas professoras, que são responsáveis pelo trabalho cujo maior enfoque está nas linguagens corporal e plástico visual, realizam o projeto de literatura “Pra cantar e brincar é só começar”.

De acordo com a Proposta político pedagógica da escola, a concepção que norteia o trabalho com as crianças se baseia “em uma prática pedagógica que torne a criança cada vez mais questionadora, [...] possibilitando acesso aos bens culturais e que possibilite à criança ser feliz, que a escola seja um lugar de prazer e descobertas” (PPP, 2005, p.15).

De forma geral, o trabalho da escola é bem organizado. O grupo de profissionais está comprometido com a educação das crianças. No entanto, coexistem várias concepções de criança e objetivos para a educação infantil evidenciadas nas ações e falas das professoras.

Apesar do PPP da escola já ter sido reformulado pelo coletivo, alguns aspectos relativos à organização e gestão do trabalho ainda merecem atenção. As metodologias de trabalho, as interações entre adultos e crianças, os instrumentos avaliativos do trabalho das professoras necessitam ser repensados, pois percebe-se, a partir de observações da prática, que há um distanciamento entre as concepções apontadas na proposta pedagógica da escola e sua concretização na prática diária junto às crianças.

Os tempos de planejamento das professoras favorecem a troca de informações entre os profissionais que atuam com a mesma faixa etária e na mesma função. A articulação entre os turnos e com o coletivo do mesmo turno para a socialização de projetos e o enfrentamento dos conflitos na organização do trabalho estavam ausentes no cotidiano, pois não havia encontros semanais, o que provocava o isolamento no trabalho das professoras.

Para o enfrentamento destas questões, houve um redimensionamento dos tempos e a criação de um projeto denominado “Oficinas”. Nesta proposta as crianças são

organizadas em grupos de diferentes idades e acompanhadas poricineiros contratados que, sob a coordenação da direção da escola, realizam atividades recreativas, priorizando a linguagem corporal.

Esta nova organização possibilitou que, uma vez a cada quinze dias, o grupo de profissionais se encontrasse no turno, para socializar experiências e discutir a organização do trabalho no cotidiano, procurando superar os desafios de forma coletiva.

As famílias atendidas pela escola são de bairros e vilas próximas e a matrícula é realizada independentemente da zona residencial de onde provêm. A maioria chega até a escola a pé e, em poucos casos, de ônibus, especial ou carros particulares.

Algumas famílias relatam que, desde os avós, estudaram na escola e procuram vaga para os filhos e netos, pois consideram que o trabalho realizado é de qualidade e a característica marcante está na organização e no comprometimento de todos. Apontam que o trabalho da escola é muito sério e dinâmico.

Existe grande diversidade quanto à condição socioeconômica das famílias atendidas. A grande maioria não tem salário fixo, atuando no mercado de trabalho informal e desenvolvendo, em muitos casos, atividades temporárias.

De acordo com os depoimentos dos profissionais e registros no PPP, o público atendido pela escola “tem acesso restrito aos bens culturais, como: teatro, cinema. Todos têm TV. Poucos têm acesso a bibliotecas, jornais, revistas, livros, cinema, teatro, museu. Costumam fazer passeios para locais de fácil acesso” (PPP, 2005, p.11).

A participação das famílias na escola é significativa em reuniões, palestras, assembleias, festas e comemorações diversas. Nestes momentos, os profissionais elaboram estratégias para avaliar se as expectativas dos familiares estão sendo atendidas, com o objetivo de ampliar a parceria da família, e que esta estabeleça relações cada vez mais positivas com a escola.

5. A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

A origem da literatura infantil, constituída como gênero, vincula-se às mudanças que ocorreram na sociedade durante os séculos XVII e XVIII com a ascensão da família burguesa. A partir daí, a criança passou a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, devendo, portanto, receber uma educação que o preparasse para a vida adulta. Neste contexto a literatura infantil emergiu vinculada à pedagogia, em que as histórias eram elaboradas para se tornarem instrumentos da mesma.

No Brasil, foi no final do século XIX que a literatura infantil começou a ser difundida com a mesma concepção que lhe dera origem no panorama universal. Este gênero passou por grandes dificuldades ao longo da história brasileira para ser reconhecido como produção artística. O texto infantil foi utilizado para doutrinar as crianças, difundindo valores e normas comportamentais com circulação de obras estrangeiras em que tanto o distanciamento linguístico quanto a representação de mundo apresentavam problemas de identidade cultural.

A partir do movimento escolanovista e em função do momento histórico cultural (1921), a literatura infantil sofreu inovações culturais com as produções de Monteiro Lobato. As temáticas das suas histórias imprimiram uma aproximação entre a linguagem e o tom coloquial que caracterizava a fala brasileira, aumentando o número de obras disponíveis para o público infantil. Delineava-se, naquele momento, a mudança de mentalidade em relação ao tipo de texto que se produzia para crianças, mantendo-se, entretanto, o caráter pedagógico.

Após as décadas de turbulência com mudanças políticas no cenário brasileiro (populismo), a educação primária se tornou obrigatória. Os autores de livros infantis deste período contribuíram para o estabelecimento de uma história nacionalista.

Em seguida, vieram os anos da democracia, crise econômica, repressão e censura. Com o surgimento dos movimentos de educação popular, foram desenvolvidas atividades amplas e sistemáticas, cujos fundamentos eram a alfabetização e a

educação de base. Após o golpe de 1964, a literatura passou a assumir caráter conservador.

Chegando a década de 1970, a produção de literatura para crianças registrou um aumento expressivo de autores e títulos à disposição do público e um novo tratamento para a produção literária com diversidade de temas e um distanciamento do padrão formal culto.

Segundo Assmann (2001), “o percurso da literatura infantil brasileira revela uma série de percalços ao longo da trajetória empreendida. Em alguns momentos, constatou-se o predomínio da quantidade; em outros, da qualidade. Entretanto, neste final de século, ao rever todo esse contexto que envolveu a produção dirigida à infância, é possível perguntar, parodiando Carlos Drummond de Andrade: a Literatura infantil [...] *marcha. Para onde?*” (ASSMANN, 2001, p. 41).

Na década de 1980, ocorreu um aumento significativo de publicações para o público infantil, revelando-se o interesse dos autores em criar obras de qualidade. A partir deste momento, a representação do mundo infantil se fez presente nas narrativas literárias. Nelas começaram a aparecer os conflitos e questionamentos da criança em sua busca de compreensão do mundo, o jogo de palavras e ilustrações ganhou espaço, dialogando com o texto e possibilitando ao pequeno leitor viajar no interior do livro.

Na atualidade, as produções dedicadas às crianças passaram a ser cada vez mais valorizadas e sua elaboração exige uma série de cuidados não apenas com o conteúdo, mas também com a forma para se ter a atenção do exigente leitor.

As referidas obras mostram um colorido novo, em que o humor e a curiosidade fazem parte deste universo cultural e a realidade se alterna com a fantasia. O gênero literário se apresenta agora com novas características no que se refere à qualidade do papel e às ilustrações.

Entretanto, segundo Aguiar (2001, p. 34), “a quantidade e qualidade coexistem na literatura infantil, na qual grande produção de textos estereotipados compete com sucesso no mercado de bens culturais”.

Ao longo dos tempos, a literatura infantil tornou-se um veículo de comunicação das várias linguagens, o que possibilita hoje às crianças irem ao encontro de novas descobertas e aos professores apresentarem a elas um mundo mágico e se valerem também da literatura para incentivar os processos de aprendizagem da leitura e escrita.

As crianças vão se apropriando progressivamente dos modos de comunicação próprios da cultura na qual elas estão inseridas.

A linguagem é um modo de comunicação, embora não possa ser reduzida a essa função, pois é a capacidade de nos utilizarmos da linguagem que nos torna seres singulares. Através da linguagem compartilhamos experiências, emoções, revivemos o passado, planejamos o futuro, em um processo constante de interações sociais e culturais.

A literatura é parte deste universo cultural a ser desvendado desde cedo, quando a criança ainda não lê de forma convencional, mas toma emprestada a voz do outro para participar de forma ativa da cultura. Lê com os ouvidos, a partir de histórias densas e vivas que tenham significados para a construção de sentidos que ela procura, relacionando pensamento e linguagem.

Compreender a relação entre pensamento/linguagem e as implicações de uma visão sociointeracionista sobre o desenvolvimento da criança nos fornece elementos teóricos que fundamentam a necessidade de, no cotidiano da educação infantil, garantirmos o acesso à cultura letrada e promovermos situações de aprendizagem que envolvam práticas sociais de leitura a todos os grupos que compõem este nível de ensino.

Lev Vygotsky, autor que trouxe grandes contribuições à escola, valorizando a ação pedagógica e considerando a intervenção intencional dos professores como ação

essencial no desenvolvimento dos alunos, nos auxilia a compreender a relação entre pensamento e linguagem. Para ele, a linguagem carrega em si os conceitos elaborados pela cultura e, ao mesmo tempo, é o meio para transformação dessa cultura.

No ambiente da educação infantil, no contexto de relacionamentos entre as crianças e delas com os adultos, nas conversas, rodas de histórias, brincadeiras compartilhadas e imitações, vão se aproximando pensamento e linguagem, num exercício de desenvolvimento e internalização das formas culturais da sociedade. A criança amplia seu repertório de palavras, de ações, gestos, e as formas de comportamentos interpessoais se tornam intrapessoais. Ou seja, os elementos de comunicação que constituem a cultura da criança tornam-se suas próprias palavras e a nova maneira de se comunicar.

Partindo deste pressuposto teórico, se a criança constrói sua linguagem por meio das relações que vivencia, quanto mais possibilidades de interação ela tiver, maiores serão suas possibilidades de construir conhecimentos sobre o mundo.

Dessa forma, atividades como os desenhos, as conversas, o jogo simbólico, o faz de conta, a linguagem escrita e a leitura devem estar presentes no dia a dia das crianças nas instituições educativas, criando possibilidades de elas simbolizarem e se expressarem.

Dentre estas atividades, a narrativa e a leitura frequente de histórias são, sem dúvida, como afirma Soares (2009),

a principal e indispensável atividade de letramento na educação infantil e, se adequadamente desenvolvida, essa atividade conduz a criança, desde muito pequena, a conhecimentos e habilidades fundamentais para sua plena inserção no mundo da escrita (SOARES, 2009, p. 8).

Através das leituras diárias de histórias, a criança interage com variadas produções culturais, cria, reconhece, compara, e inventa sentidos para o mundo físico e social

que está a sua volta. Nasce, assim, o desejo de compreender e de se apropriar do sistema de escrita.

6. DESENVOLVENDO O PLANO DE AÇÃO: O ATELIER DE LEITORES

De acordo com o recente documento do Ministério da Educação, a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, no item 11. Práticas Pedagógicas da Educação Infantil – Eixos do Currículo, as práticas pedagógicas “devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”.

Mesmo considerando as conquistas deste nível de ensino desde que se iniciou o atendimento às crianças em instituições educativas em nosso país, entendo que há muito a se fazer para garantir que os eixos citados no documento oficial de fato se tornem ações concretas no interior das escolas. As experiências relativas à apreciação e interação com a linguagem oral e escrita com intenções de se promover o letramento ainda causa em muitos educadores apreensão e receio de se estar antecipando um conteúdo do ensino fundamental.

Das observações diárias das práticas na função de coordenadora, nas experiências e socialização das rotinas relatadas por professoras com as turmas da escola onde realizei o plano de ação surgiu o projeto “Atelier de Leitores”. Percebi a necessidade de se planejar ações sistemáticas de práticas sociais de leitura na rotina diária das turmas de 3 a 5 anos. A literatura até então, nesta escola, era utilizada nas turmas para suprir intervalos entre atividades de escrita propostas pelas professoras, ou seja, as crianças que terminavam as atividades primeiro ou aguardavam a hora do recreio podiam “ler” algum livro da estante da sala, por exemplo.

As rodas de histórias ocorriam na escola, com frequência variada em cada uma das turmas. Havia professoras que liam todos os dias para seus alunos enquanto outras contavam histórias para as crianças uma vez na semana. Nem todas as histórias lidas eram preparadas com antecedência. Em algumas situações, a escolha do livro era aleatória sendo o mesmo retirado da estante ou armário e lido sem estar no planejamento. Em algumas destas ocasiões, a mensagem e as ilustrações

apresentadas na obra surpreendiam a professora provocando constrangimento mediante a reação das crianças por ela desconhecer o enredo e o desfecho da história.

Há muito que se discute ainda sobre o tema “Roda de Histórias” na educação infantil. A intenção deste plano de ação é qualificar o momento de leitura e narração oral de histórias para as crianças, refletir sobre a importância destas práticas sociais de leitura para o desenvolvimento e processo de alfabetização e letramento dos futuros leitores.

O projeto teve início na busca e seleção de referências bibliográficas que pudessem ser apoio para o trabalho, considerando a natureza sociocultural presente no ato de ler histórias e sua influência no desenvolvimento da linguagem. Autores como Lev Vygotsky, Magda Soares, Bruno Bettelheim, Isabel Solé, dentre outros, foram fundamentais para compreender que o trabalho de leitura envolve muitas concepções sobre o que é linguagem, signos, a construção do símbolo pela criança, o que é ler etc.

Foram elaborados dois questionários com objetivo de reconhecer a visão das professoras e da comunidade escolar sobre a importância da leitura de histórias no processo de letramento das crianças e detectar as práticas de leituras exercidas pelas professoras em sala de aula.

Outros recursos utilizados como registro durante o plano de ação foram as filmagens, fotografias, registros das crianças, rodas de conversas sobre o projeto, livros de literatura, cartazes de propaganda das histórias, fantoches e realização de teatro com as professoras.

A proposta do “Atelier de Leitores” foi apresentada para o coletivo de professoras e, após apreciação do grupo, foi efetivado com a colaboração de todo o coletivo e se realizou através de rodas de leitura simultâneas para todas as crianças do 2º turno da EMCVM, a cada quinze dias. Teve como objetivo despertar nas crianças o desejo de aprender e gostar de ler e possibilitar às professoras a reflexão sobre a importância da “roda de história” e a necessidade de seu planejamento.

Para aprender a ler e ter prazer em ler, é preciso primeiro saber o que significa “ler”. Fazer com que as crianças comecem a entender o sentido que o mundo letrado tem para todas as pessoas já alfabetizadas; fazer com que compreendam que aqueles “risquinhos” no papel comunicam alguma coisa, que existem regularidades na organização das marcas gráficas no papel; que há diferenças entre a língua escrita e a falada; ampliar o seu repertório de palavras, estimular a imaginação e a criatividade são alguns dos ganhos presentes no ato de ler em voz alta para as crianças.

Ao realizar de forma sistemática as rodas de leitura, as crianças participaram de forma efetiva das práticas sociais de leitura, em que circulou uma diversidade e multiplicidade de gêneros textuais, auxiliando na formação dos leitores.

Nestas práticas, não houve a exigência de atividades complementares depois da leitura, para não correr o risco de escolarizar a tarefa. O que se pretendeu após as leituras foi conversar. A professora, como alguém mais experiente no mundo da leitura, pôde mediar a relação das crianças com o texto lido.

E conversou sobre o quê? Sobre as impressões de cada um, abrindo espaço para que verbalizassem o que mais gostaram, trocando opiniões ou relatando algum episódio já vivido. Como destaca Pimenta (1978),

compreender o que foi lido ou ouvido exige esforço, pois não é sempre facilmente reconhecido, já que pode trazer elementos novos, estranhos em sua forma de expressão, em seu vocabulário ou mesmo em seu conteúdo, e por isso ouvir histórias se torna um ato potencialmente mobilizador e inquietante (PIMENTA, 1978, *apud* BRANDÃO; ROSA, 2011, p.43).

Dessa forma, ao conversar sobre as histórias lidas, possibilitamos às crianças muitas aprendizagens, auxiliando aos pequenos ouvintes a construir sentido para os textos compartilhados na roda através do “ler com os ouvidos” (BRANDÃO; ROSA, 2011, p.41). Esta foi uma das estratégias utilizadas para que as crianças se apropriassem do uso social do ato de ler.

Criar um ambiente favorável à leitura em que se tenha plena consciência do papel mediador das professoras no encontro texto-leitor não se faz apenas levando os livros para a sala de aula. É necessário selecionar estratégias que auxiliem as crianças a penetrarem no texto, na busca de produção de sentidos. Assim, antes das rodas de leitura, tornou-se fundamental construir motivação para a participação, a informação prévia sobre os textos e as alternativas de escolhas efetivas e com liberdade. Ou seja, para esta atividade, o planejamento foi essencial como a todas as outras atividades propostas às crianças no cotidiano da educação infantil.

Inicialmente, cada professora selecionou a história que seria lida nas rodas de leitura. Após a preparação da história, com o grupo de profissionais reunido foram apresentadas as propostas construídas por cada um. Este se configurou como um momento rico de formação e troca de ideias. Todos puderam dar sugestões e auxiliar o colega na preparação da história, bem como realizar leituras de textos com informações teóricas sobre a literatura infantil e sua importância na formação de bons leitores.

Encontro de professoras – trocando ideias sobre o projeto



Cada professora elaborou, então, um cartaz propaganda com a cópia da capa do livro escolhido, uma resenha (chamada para despertar o interesse pela história) e um quadro para inscrições das crianças que iriam participar daquela roda de leitura.

Para iniciar o projeto junto às crianças, foi enviada uma carta, para cada turma. O remetente da carta foi uma personagem já conhecida deles, a bonequinha Ana Maria, mascote do projeto “Recreação”.

Ana Maria é um fantoche que utilizamos, às vezes, nas rodas de acolhimento que acontecem todas as tardes. A boneca já se tornou amiga inseparável das crianças que brincam com ela e disputam qual turma ela irá acompanhar quando faz visitas à nossa escola.

No dia seguinte ao recebimento da carta, após as professoras lerem e criarem expectativas sobre o tesouro ao qual a menina havia se referido na carta (ver anexo VII), Ana Maria veio visitar a escola e, num passe de mágica, se transformou, na frente das crianças, de boneca a gente de verdade.

Trazendo uma mala com o seu tesouro, fez com que todas as crianças e os adultos se envolvessem no projeto. Criou-se, então, um clima de encantamento e ansiedade para descobrir o que havia dentro daquela mala.



Após dançar, brincar e tirar muitas fotos com as crianças, Ana Maria se despediu e deixou a mala para que pudéssemos descobrir o tesouro.



A mala do tesouro de Ana Maria foi passando por todas as salas e, em cada uma, a surpresa era maior. Descobrimos que o segredo guardado por Ana Maria naquela linda mala eram livros de literatura.

Ficou combinado então com as crianças que iríamos ter um dia e hora para ouvirmos as histórias daqueles livros e que cada criança poderia escolher qual delas gostaria de escutar. Denominamos este momento de “Atelier de Leitores”.

Os cartazes propaganda foram afixados na área externa, o que garantia o acesso a eles, que ficaram expostos durante toda a semana para que as crianças apreciassem, realizassem pseudoleituras das resenhas, comentassem com colegas etc.

Nesta etapa, as professoras compartilharam com as crianças as propostas de leitura, comentando as resenhas e conversando sobre as expectativas a respeito das histórias que seriam lidas.

Não foi revelado para elas quem iria ler cada conto, pois isso poderia influenciar nos critérios de escolha na hora da participação. O que não seria interessante, pois o que se desejava é que elas optassem por uma obra literária e não por um leitor conhecido.

Após as escolhas das crianças, a professora saiu da sala de aula e levou todas para o local onde estavam os painéis com as resenhas e o quadro de inscrição de cada

história. Neste momento, cada criança registrou seu nome no quadro, de acordo com a história escolhida por ele.

Havia, em média, treze crianças em cada grupo e, quando não havia vaga na história escolhida, a criança era convidada pela professora a escolher outro título. Lendo com ela as resenhas e incentivando-a na escolha, explicando-lhe que teria nova oportunidade de ouvir a primeira história escolhida no próximo atelier, foi possível atender às crianças sem causar desconforto.

No dia e horário combinados para acontecer o “Atelier de Leitores”, a coordenadora orientou as crianças (no pátio) sobre a sala ou outro espaço para o qual deveriam ir e quem era a professora que iria acompanhá-las. Os locais escolhidos pelas professoras que contaram a história foram socializados na reunião de professoras, para não gerar acúmulo de grupos no mesmo local. Foram usados todos os espaços disponíveis: áreas do pátio, brinquedoteca, salas de aula, casinha de bonecas da brinquedolândia.

Em cada roda, a apresentação do conto foi feita de modo a gerar suspense e interesse antes da realização da leitura. Após a leitura, abriu-se espaço para conversar sobre a história.

Após a roda de histórias, as crianças retornaram para suas salas de referência e a professora criou um momento de troca no qual elas puderam contar sobre a história ouvida, respeitando-se a regra de jamais revelar o fim. Nesta roda, considerando as características e gosto de cada criança, elas também indicaram a história para os amigos.

A atividade se repetiu a cada quinze dias. Antes de cada roda, ocorreu nova apresentação das histórias para as crianças e nova escolha do conto. Com a sucessão de rodas de leitura, as crianças já puderam apresentar as histórias e fazer a propaganda para os colegas, se apoiando nos cartazes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o projeto “Atelier de Leitores”, esperávamos que, ao final deste, as crianças tivessem atingido os objetivos propostos e que encontrassem nas atividades da roda o prazer e a emoção de descobrir que diferentes leituras de textos lhes proporcionariam diferentes leituras do mundo.

Durante as semanas que se seguiram, foi surpreendente o envolvimento das crianças e das famílias. O desejo de ouvir as histórias ainda desconhecidas da mala da Ana Maria, bem como ouvir novamente aquelas já lidas em rodas, era explicitado durante o recreio, em rodas de conversa, nos desenhos. Ao encontrar as crianças nos corredores da escola, elas me perguntavam quando iriam ouvir de novo as histórias do tesouro da Ana Maria e se ia demorar muito para chegar o dia do projeto “Atelier”.

No encontro de coordenação com as professoras, avaliamos o projeto e foi possível constatar que, em todas as turmas, a roda de história tornou-se uma atividade diária na rotina das turmas. Nas turmas de 5 anos foi proposto pelas professoras o projeto “Era uma Vez...”. Nesta nova proposta, as professoras iniciaram a leitura semanal de contos de fada em várias versões, com roda de conversa após a leitura e muitas possibilidades de simbolização com o baú de fantasias.

Combinamos realizar com as crianças a “Roda da Roda”. Dividimos as crianças em grupos de diferentes idades e conversamos sobre o projeto. O que acharam do projeto “Atelier”? Do que mais gostaram? Do que não gostaram? Devemos continuar com a atividade ou não? A maioria das crianças demonstrou ter gostado da experiência e pediu para acontecer de novo.

Paralelo a este projeto, continuamos realizando o projeto “Sacolinha Literária”, em que as crianças levam semanalmente para casa um livro de literatura para ser lido pela família. Alguns familiares procuraram a professora de uma das turmas perguntando quando iria para casa o livro do tesouro da Ana Maria, pois sua criança queria muito “ler” a história para a irmã.

Também foi enviada para casa uma atividade para a criança relatar à família a história ouvida no projeto e, no dia seguinte, trazer a representação gráfica que havia feito e socializar com os colegas na roda de conversa.

Mediante todos os depoimentos e atividades de avaliação, foi possível constatar que o projeto atingiu aos objetivos propostos, formando na escola uma comunidade de leitores e ouvintes. Foi apontada pelo grupo de professoras a continuidade do projeto no segundo semestre de 2012, havendo também a possibilidade de se tornar um dos projetos institucionais da escola.

Acredito que a formação de leitores deve ser uma das prioridades da área da educação e, assim, este tema deve ser compromisso de todos, inclusive de quem trabalha com crianças da primeira infância.

Desde os seus primeiros dias, a criança começa a se comunicar e aprender, pois é um ser social e aprende na relação com o outro. Assim, seu desenvolvimento está diretamente relacionado às possibilidades, à diversidade e qualidade de experiências que ela vivenciará.

Com a intenção de colaborar para que as crianças da escola onde atuo tivessem oportunidades de vivenciar diferentes práticas sociais de leitura, criando oportunidades para que elas tivessem acesso à literatura infantil e, conseqüentemente, à cultura escrita é que surgiu o projeto “Atelier de Leitores”.

As crianças, quando participam de práticas sociais de leitura e mantêm contato sistemático com livros diversos e de boa qualidade, descobrem muitas informações sobre a linguagem oral e escrita. Ter a literatura infantil como aliada na aventura de entrar no mundo do conhecimento e da imaginação contribui para um percurso em que a aprendizagem da leitura se torna desejo, e traz a certeza de que se é capaz de fazê-lo.

As experiências vividas pelo grupo de profissionais da E. M. Cornélio Vaz de Melo na realização deste projeto confirmou que a roda de história é espaço fundamental

de construção da linguagem, do simbólico e do emocional, e favorece o processo de letramento e a imaginação das crianças.

Para além das questões relativas ao aprendizado das crianças, este projeto proporcionou trocas significativas de conhecimento no grupo de professoras, alterou a rotina de atividades relativas à leitura e contação de histórias nas turmas e mobilizou todos para uma ação coletiva, favorecendo o fortalecimento do grupo.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. *Literatura: a formação do leitor alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 11-43.

BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. *Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. São Paulo: Autêntica, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASÍLIA. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil?* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COELHO, N. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

Desafios da formação – Proposições Curriculares, Educação Infantil Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH- Belo Horizonte, 2009.

JOLIBERT, J. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. v.1.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, Z. R. *Educação Infantil: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.

RIBEIRO, Jonas. *Ouvidos dourados*. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

RUFINO, C.; GOMES, W. *A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola*. São José dos Campos: Univap, 1999.

SARAIVA, J. A. *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*, Porto Alegre: ArtMed, 2001.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VYGOTSKY, L. Semiovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

9. ANEXOS

ANEXO I

PROJETO “ATELIER DE LEITORES”

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

| ATIVIDADE: | RESPONSÁVEL: | PERÍODO: |
|---|--|---|
| Escolha do livro de literatura e elaboração da resenha (chamada para estimular a curiosidade das crianças em relação ao livro) | Professoras | 09 a 27 de abril |
| Socialização das obras escolhidas e preparação do material (cartaz e ficha de inscrição das crianças) | Coordenação e professoras em pequenos grupos (acpate) | 02/05 (4ª feira) Grupo I – Bárbara e Nice (13:15 às 14:00 h) Grupo II - Cristina, Áurea e Lina (15:00 às 15:45 h) 04/05 (6ª feira) Grupo III – Andrea, Cora e Margarete (14:00 às 14:45 h) |
| Entrega dos questionários para familiares e professoras | Coordenação | 24 de abril |
| Devolução dos questionários preenchidos | Professoras | 27 de abril |
| Apresentação do projeto para as crianças na roda de entrada e nas salas (mala com livros) | Professoras e coordenação | 10 de maio |
| Preenchimento da ficha de inscrição para as rodas de leitura, pelas crianças. | Professora de referência acompanha a turma | 14 a 16 de maio |
| 1º Atelier de Leitores | Todas as professoras | 17/05/2012 (5ª feira) Horário: 16:15 às 17:10 |

ANEXO II

LIVROS ESCOLHIDOS PARA O PROJETO “ATELIER DE LEITORES”:

| | |
|------------------|--|
| AUREA | A Margarida Friorenta |
| ANDREA | A Descoberta da Joaquina |
| CORA | O Patinho Feio |
| MARGARETE | Bruxa Beleza Pura |
| CRISTINA | Festa no Céu |
| BÁRBARA | Da Toupeira que Queria Saber Quem Fez Cocô na Cabeça Dela |
| NICE | Pirula, A porquinha do Rabinho Enrolado |
| AQUILINA | O Lobo e os Sete Cabritinhos |

ESPAÇOS UTILIZADOS PARA REALIZAÇÃO DAS RODAS DE LEITURA:

| | |
|------------------------|------------------|
| SALA 1 | ÁUREA |
| SALA2 | ANDREA |
| SALA 3 | AQUILINA |
| SALA 4 | MARGARETE |
| SALA 5 | CRISTINA |
| PÁTIO | NICE |
| BRINQUEDOLÂNDIA | CORA |
| BRINQUEDOTECA | BÁRBARA |

ANEXO III

ORGANIZAÇÃO DOS TEMPOS PARA O 1º ATELIER DE LEITORES:

DATA: 17/05/2012 (5ª FEIRA)

| HORÁRIO: | PROFESSORAS: | ATIVIDADE: |
|------------------|------------------------|------------------|
| 13:00 ÀS 13:45 h | NICE E BÁRBARA | ACPATE |
| 13:45 ÀS 14:30 h | ANDREA E MARGARETE | ACPATE |
| 14:30 ÀS 15:15 h | CRISTINA E LINA | ACPATE |
| 15:15 ÀS 16:00 h | ÁUREA E CORA | ACPATE |
| 16:00 ÀS 16:15 h | DE ACORDO COM A ESCALA | RECREIO COLETIVO |
| 16:15 ÀS 17:10 h | TODAS | ATELIER |

ATENÇÃO!
O HORÁRIO DE MERENDA NÃO SERÁ ALTERADO.

PROJETO LINGUAGEM DIGITAL COM LINA:

SALA 3 – 13:00 ÀS 14:30 h

SALA 3 -15:15 ÀS 16:00 h

REGÊNCIA COMPARTILHADA COM BÁRBARA:

SALA 4 – 14:30 ÀS 15:15 h

ORGANIZAÇÃO DAS CRIANÇAS: APÓS O RECREIO RODONA NA LINHA BRANCA. FAZER A CHAMADA DE ACORDO COM FICHAS DE INSCRIÇÃO. CADA PROFESSORA ACOMPANHA SEU GRUPO PARA AS RODAS DE HISTÓRIA. PARA MARCAR O FINAL DA RODA USAREMOS MÚSICA. NESTE MOMENTO AS CRIANÇAS RETORNARÃO PARA SALAS DE REFERÊNCIA.

ANEXO IV

PROJETO: ATELIER DE LEITORES

PREENCHIMENTO DAS FICHAS DE INSCRIÇÃO PARA AS “RODAS DE LEITURA”

DIA: 15/05 (3ª FEIRA)

SALA 1 - 13:00 ÀS 14:00 HORAS
(COM ACOMPANHAMENTO DA AQUILINA)

SALA 3 - 16:15 ÀS 17:15 HORAS
(COM ACOMPANHAMENTO DA BÁRBARA)

SALA 4 - 15:00 ÀS 16:00 HORAS
(COM ACOMPANHAMENTO DA AQUILINA)

DIA: 16/ 05 (4ª FEIRA)

SALA 5 - 13:00 ÀS 14:00 HORAS
(COM ACOMPANHAMENTO DA AQUILINA)

SALA 2 - 14:00 ÀS 15:00 HORAS
(COM ACOMPANHAMENTO DA BÁRBARA. NESTA SEMANA, TROCAR A REGÊNCIA COMPARTILHADA DA MARGARETE COM A ANDREA).

ANEXO V

Escola Municipal “Cornélio Vaz de Melo”

Srs. Pais e/ou Responsáveis,
Iremos realizar na escola um projeto chamado “Atelier de Leitores”. Neste projeto, esperamos que as atividades de “Rodas de Leitura” possam despertar nas crianças, o desejo de aprender e gostar de ler.
Solicitamos que responda às questões abaixo.
Será muito importante a sua contribuição para a realização desta proposta. O seu nome não será mencionado na pesquisa.

ESTE QUESTIONÁRIO DEVERÁ SER DEVOLVIDO ATÉ O DIA 27/04/2012 (6ª feira)

Grau de parentesco do entrevistado com a criança: _____
Nome da criança: _____ Turma: _____

1. Qual é a sua opinião sobre o projeto “Sacolinha Literária”?

2. O que acontece quando sua criança chega em casa com o livro da “Sacolinha Literária”?

3. Seu (sua) filho (a) tem contato com outros livros em casa? Você lê outras histórias para ele(a)? Quantas vezes na semana?

4. Qual é a história preferida da criança?

5. Quais são os tipos de leitura você gosta de fazer?

6. Quais são os tipos de materiais de leitura que a criança tem contato em casa?

7. Você já visitou com seu (sua) filho(a) alguma Biblioteca, Feira de Livros, Exposição de algum artista, Museu, Teatro, etc.? Em caso afirmativo, conte como foi.

8. O que você acha que sua criança deve aprender sobre a leitura e a escrita na Educação Infantil?

Agradecemos sua contribuição.
A Coordenação

ANEXO VI

Escola Municipal “Cornélio Vaz de Melo”

Projeto “Atelier de Leitores”

Prezada Professora,

Visando melhor avaliação e redirecionamento do projeto que estamos desenvolvendo, precisamos de sua opinião sobre alguns temas relacionados ao trabalho na Educação Infantil.

Pedimos por gentileza que você responda esse questionário.

Seu nome não será mencionado no trabalho.

1. Como foi o seu processo de aprendizado de leitura e escrita?

2. Em sua trajetória como leitor quais foram seus maiores desafios?

3. Quais são os tipos de leitura que você faz com maior frequência?

4. Quais são os espaços culturais que você visita frequentemente?

5. O que você considera que deve ser ensinado em relação a o aprendizado da leitura e escrita na educação infantil.

6. Como você organiza as atividades de leitura em sala de aula?

7. Você conta ou lê histórias para as crianças? Com que frequência?

8. Como você incentiva as crianças a manusear livros, revistas e outros textos?

9. Qual a sua opinião sobre a leitura em voz alta para crianças que ainda não leem convencionalmente?

10. Quais são as situações em sua prática do dia a dia onde que as crianças têm contato com a leitura?

Agradecemos sua contribuição.
A Coordenação.

ANEXO VII

Carta da Ana Maria para a turma Bolinha de Sabão

BELO HORIZONTE, 09 DE MAIO DE 2012

OLÁ, CRIANÇAS DA TURMA “BOLINHA DE SABÃO”!

COMO VOCÊS ESTÃO?

REALIZANDO MUITAS DESCOBERTAS E APRENDENDO COISAS NOVAS? TENHO CERTEZA QUE SIM.

ESTOU COM MUITA SAUDADE DE VOCÊS, DAS BRINCADEIRAS, BRINQUEDOS E LIVROS DE HISTÓRIAS DESTA LINDA ESCOLA.

TENHO UMA NOVIDADE PARA CONTAR A VOCÊS. SABEM QUAL É?

VOU VISITÁ-LAS AMANHÃ E QUERO MOSTRAR A VOCÊS UM DE MEUS TESOUROS FAVORITOS.

ESTE “TESOURO” QUE VOU LEVAR PARA MOSTRAR PARA VOCÊS É MUITO IMPORTANTE PARA MIM.

ESTE TESOURO ME ENSINOU A VER O MUNDO.

QUERO DIVIDIR COM VOCÊS ESTE TESOURO PARA QUE VOCÊS TAMBÉM APRENDAM A VER O MUNDO.

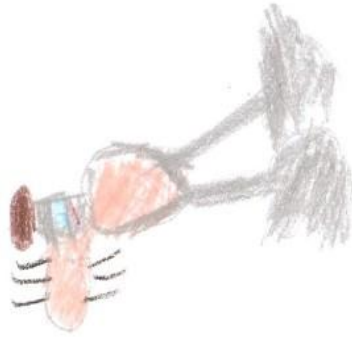
ME AGUARDEM, AMANHÃ NA RODA DE ENTRADA.

UM BEIJO DA

ANA MARIA

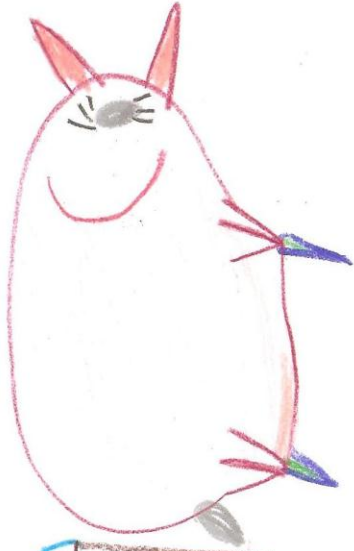
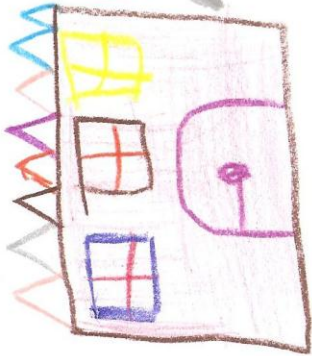
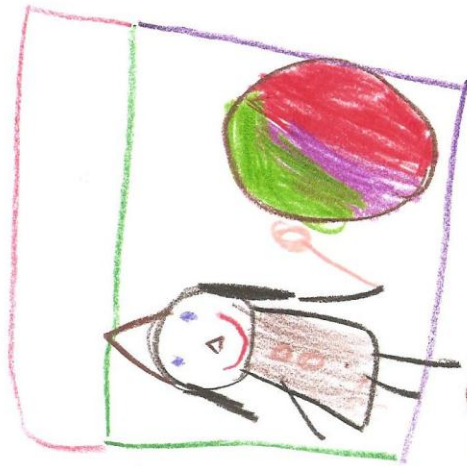
ANEXO VIII

VIAICIVS

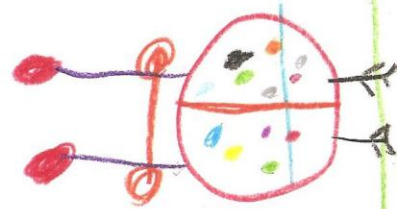
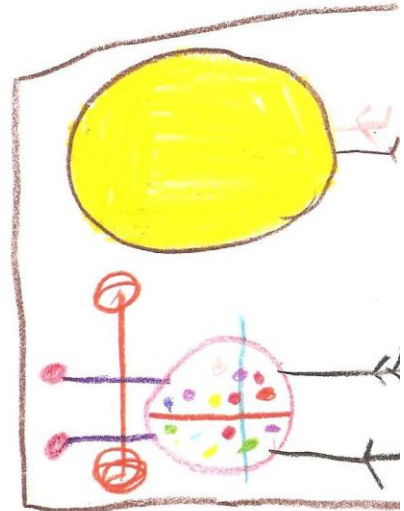


ELOGOSTI
DATA
NACAB
RABDELF
QRIASAB
PIRESOCO

ANEXO IX

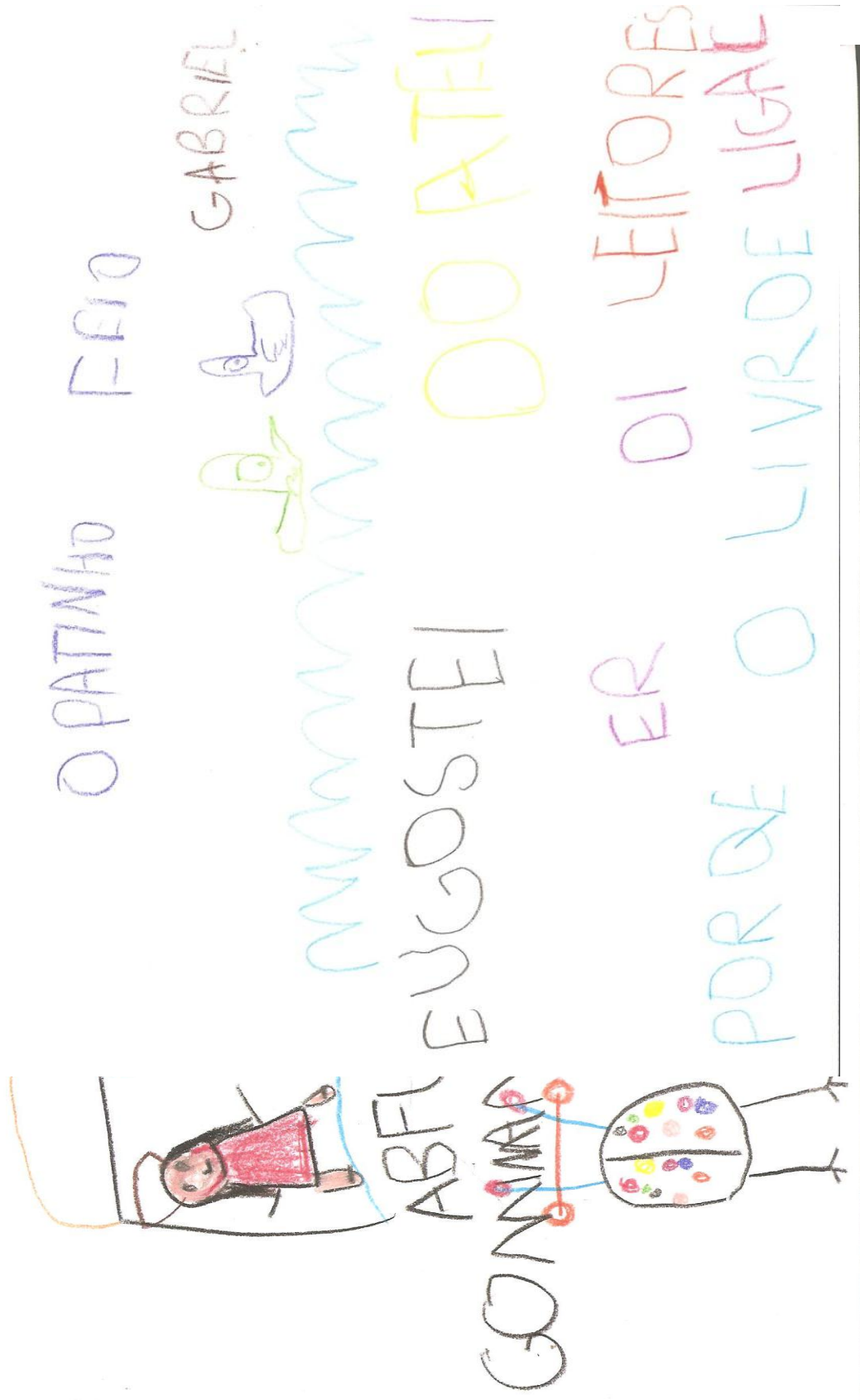


ABUCIABLEPURA-APQIRADORRIBIRO
ODLR



AJAGUNYA
THALITA

ANEXO X



ANEXO XII

